

Fome e doença ameaçam índios de S. Paulo

VITU DO CARMO

Uma tribo de índios vivendo em pleno município de São Paulo teria que herdar, de modo inevitável, a carga negativa dos hábitos da "civilização". Mas seria razoável que, em compensação, assimilasse também os benefícios do correspondente conforto material. Para os 62 guaranis que habitam uma aldeia às margens da represa Billings, no distrito de Parelheiros, a 60 quilômetros do centro da principal metrópole brasileira, porém, essa combinação de efeitos talvez só seja possível em situações como a que deixou perplexa a antropóloga Maria Bernadette Arantes Nogueira Franceschini. Ao repreender um índio por sua condição de bebedeira inveterada, ela foi levada a refletir sobre certas propriedades que condições adversas de vida podem conferir ao álcool. "Não tenho cobertor nem comida", defendeu-se o índio. E esclareceu, com toda a sua lógica: "A pinga engana a fome e esquenta".

No mais, nem os recursos da ciência podem ser mobilizados contra a tuberculose que acomete seis indivíduos da comunidade. E a tentativa de aproveitar racionalmente a terra, com o uso de adequadas técnicas de plantio e cultivo, pode levar, como ocorreu em outra área indígena paulista, a manifestação de um imediatismo que não admite esperar a colheita. Os índios comeram as sementes colocadas à disposição.

PROJETO

Esse quadro compeliu a antropóloga a exceder suas funções. Contratada pela Fundação Nacional do Índio (Funai) para fazer, a partir de julho deste ano, um levantamento das condições de vida na aldeia de Parelheiros e em algumas — em quantidade ainda indefinida — do litoral paulista, ela não se conformou com a idéia de um simples relatório, após verificar que o objeto de suas pesquisas eram comunidades atingidas pela fome. E suficientemente desencantadas com promessas oficiais. Ao ver seu bloco de anotações, um índio irritou-se, protestando: "Estou cansado de gente que só escreve".

Bernadette resolveu ir a Brasília, além de apelar para alguns órgãos do governo estadual. Conseguiu minguadas verbas de emergência, agora esgotadas. E sua esperança, no momento, é a aprovação de um projeto agrícola que submeterá nos próximos dias à Funai, em Brasília. Mas, mesmo que a tentativa tenha êxito, as dificuldades estarão aliviadas apenas em relação a uma aldeia — e a tribo a ser beneficiada diretamente pelo projeto é a que dispõe de condições de vida menos

sufriáveis, no município de Peruíbe, no litoral Sul, a cerca de 200 quilômetros de São Paulo.

Dos grupos indígenas paulistas de que se tem conhecimento, o de Parelheiros fornece o retrato mais desolador, chegando à peculiaridade de não poder aceitar uma oferta oficial de assistência aos atingidos pela tuberculose. É que as 15 famílias às margens da Billings estão presas a uma cadeia de problemas que não permite soluções isoladas.

UM "PARENTE"

As dificuldades começam com a situação das terras. Os guaranis de Parelheiros chegaram por volta de 1963, emigrados principalmente do Paraná, e instalaram-se numa área de propriedade do japonês Kugo Yasuhiko. Figura desconcertante, Yasuhiko mostrou-se acolhedor, convencido de que "índio é parente de japonês". Tais laços de família, porém, não são reconhecidos por um patrio do proprietário, Yideyuki Tatani, posteriormente nomeado seu procurador. E Tatani começou a vender as terras ocupadas pela tribo, obrigando-a a recuos constantes, de uma área original de 7 alqueires para, atualmente 3.

Para Bernadette, a excentricidade de Yasuhiko é um transtorno a mais. Ao propor, por telefone, uma entrevista, ela ouviu do japonês a sugestão de que o encontro fosse na praça da Sé, já que ele alega "não ter casa, não morar em lugar nenhum". A custo, Bernadette transferiu a reunião para sua própria casa. Mas, nas negociações que tentou entabular, não conseguiu mais do que uma audição de flauta, executada pelo convidado, que, antes de se despedir, também a presenteou com um exemplar de seu instrumento favorito. Restava a esperança do diálogo com o procurador. Mas o telefone de Tatani deixou recentemente de funcionar.

Sem a segurança do solo, não há como pensar em projetos semelhantes ao proposto para Peruíbe. E acabou resultando inútil também o trabalho para motivar o secretário estadual da Promoção Social, Mário Altenfelder, quanto ao problema de Parelheiros. Chegou-se a acenar, entre seus assessores, com uma ajuda que incluiria a construção de casas, hipótese discretamente descartada pela própria antropóloga, assim que ela se inteirou da situação das terras.

SAÚDE

Mais grave, no entanto, é o paradoxo da não aceitação do auxílio da Secretaria da Saúde. Após um contato com o secretário Walter Leser, Bernadette saiu entusiasmada com a possibilidade de conseguir medicamentos para os índios aco-

metidos de tuberculose. O tratamento seria feito sem internação, apenas com a administração de remédios, como já acontecera durante certo período, quando um voluntário resolveu cuidar dos índios doentes. Mas um médico, amigo da antropóloga, advertiu-a sobre o risco representado pela ingestão de drogas por tuberculosos debilitados pela fome. O organismo — alertou ele — poderia criar uma resistência que tornaria impossível a cura.

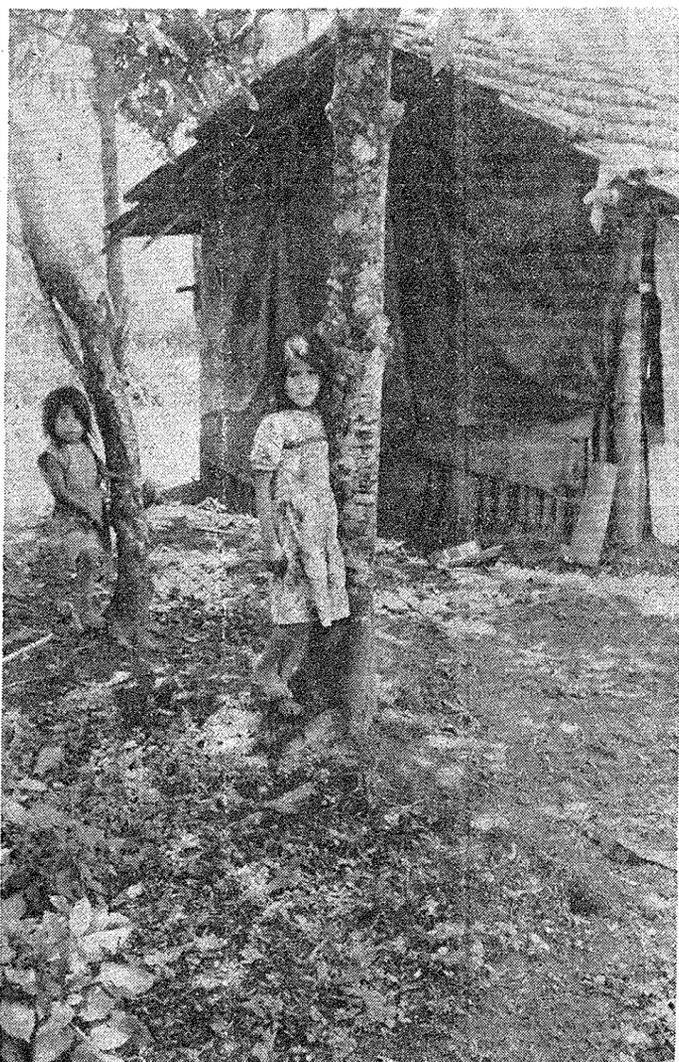
A menos, portanto, que surja a alternativa da internação — cinco doentes já estiveram recolhidos a dois sanatórios, nos bairros do Ipiranga e Mandaqui —, a questão da saúde não será resolvida até que se defina a das terras. A esperança é instalar os 62 habitantes da aldeia de Parelheiros numa área atualmente ocupada apenas por três famílias, também guaranis, no município litorâneo de Itariri.

O grupo a ser transferido, contudo, impõe uma condição: que o chefe em Itariri, conhecido como Branco e notório por uma austeridade que não admite pinga nem festas, para outro lugar. Branco, ansioso por cultivar uma roça, já garantiu que se mudará para Peruíbe, caso ali seja desenvolvido o projeto agrícola. Feito o arranjo, restará ainda uma reivindicação menor, à qual Bernadette reagiu entre sentimentos de impaciência e resignação. Os índios lhe pediram que, antes da mudança, ela mate os borrachudos de Itariri. "Agora somos índios da cidade", argumentaram.

Por enquanto, sem peixe nem caça, os guaranis da Billings dedicam-se a atividades que permitem uma precária sobrevivência, como o artesanato e a coleta de palmito. Esta tem também o inconveniente de ser ilegal, praticada de forma predatória, além de dar margem à exploração dos índios por um intermediário, que se encarrega do transporte e fica praticamente com todo o lucro.

Já se esgotaram os alimentos adquiridos com a verba de emergência de 10 mil cruzeiros liberada pela Funai e a de 12 mil fornecida pela Legião Brasileira de Assistência. Esta foi conseguida por uma nutricionista colocada a serviço da tribo pelo secretário Walter Leser, que também determinou o envio de uma provisão de leite em pó à aldeia.

Apesar da exiguidade e da insegurança da terra, a antropóloga Bernadette sempre recomendou aos índios que plantassem o que fosse possível, não admitindo que se acomodem ao ócio enquanto não podem garantir o sustento com o próprio trabalho. Convencida de que "dar comida não tem sentido", ela ressalva que só adotar essa providência para que os índios não fossem pedir esmolas.



Em Parelheiros, o futuro será incerto enquanto não houver terras

Fotos Vitu do Carmo

Contato com branco trouxe alcoolismo e até macumba

Comparada à de Parelheiros, a tribo de Peruíbe parece privilegiada — e ainda assim sua situação está longe de ser satisfatória. As terras dessa aldeia pertencem por decreto aos guaranis e são suficientemente amplas: cerca de 200 alqueires, ou uma área quase igual à do distrito paulistano de Pinheiros, onde em 1974 já viviam quase 50 mil habitantes.

Um fabricante de aguardente instalou-se num dos extremos da aldeia, dentro de seus limites. Houve reação a princípio, mas, atualmente, os índios parecem indiferentes, numa demonstração de que a área não lhes faz falta. Com o ressentimento que ficou dos primeiros dias, no entanto, evitam aproximar-se do alambique, o que constitui alívio para os responsáveis pelo posto, temerosos de que eles pudessem, além de tudo, tornar-se fregueses do invasor.

A aldeia está a apenas 22 quilômetros do centro de Peruíbe, uma das cidades de maior movimentação turística do litoral Sul. Os índios, que não conservam nas roupas ou no corpo o mais remoto sinal de sua cultura primitiva, misturam-se a vendedores de bugigangas, nas praias, tentando comercializar seu artesanato. E, nessas andanças, muitos se iniciaram nos mistérios da macumba.

Também a miscigenação levou brancos ao seio da comunidade guarani. Basílio, um desses brancos, tem se saído um pouco melhor nos negócios com a banana e costuma irritar os demais habitantes do local quando retorna de táxi de suas visitas à cidade. Sempre que surge algum problema de interesse geral, Basílio esquiva-se de assumir responsabilidades, sob o argumento de que "eu não sou índio, vocês é que decidem".

Ronaldo, o chefe do posto, inclina-se a considerar irremediavelmente perdida a identidade cultural dos guaranis de Peruíbe. Mas a antropóloga Bernadette Franceschini é menos cética. Acha que no fundo os índios guardam muito de suas tradições, mas que são reservados. Ela própria insistiu muito para que a índia Jurema, uma das mais idosas, lhe mostrasse uma canção de seu povo. Depois de muito tempo, Jurema cedeu: "Agora que eu gosto de você, vou cantar", disse. Bernadette manifestou o desejo de gravar a música, mas a índia protestou: "Não quero que você mostre para os outros. Para eles eu só canto se pagarem".

A tribo de Peruíbe é a única, em todo o litoral paulista, a contar com um posto da Funai em sua área. Ali, os 106 índios, que compõem 17 famílias, dispõem de uma escola, atualmente ministrando aulas para turmas até o terceiro ano primário, e uma enfermaria.

Mas o esforço da subsistência encontra limitações na caça, pois as fazendas que se instalaram de todos os lados afastaram os animais. O solo é muito favorável a cultura da banana, mas esta só é viável com o plantio em grande escala e uma comercialização racional, o que exige uma infraestrutura inexistente. Os poucos índios que a produzem com pretensões maiores que a do consumo próprio acabam deixando a maior parte do lucro nas mãos dos intermediários.

CHOQUE CULTURAL

Mas o verdadeiro flagelo que atinge os guaranis de Peruíbe resulta de um choque cultural em que eles assimilaram mais os vícios do que as virtudes da sociedade ao redor. Não há um só índio adulto, em Peruíbe, que não cultive o hábito do álcool, variando apenas o grau de dependência. Em consequência, no ano passado, houve

um homicídio na aldeia. E certa vez o chefe do posto, Ronaldo Lima de Oliveira, viu-se obrigado a conduzir o índio Gandão, um dos mais sensíveis ao fascínio do álcool, à delegacia de polícia de Peruíbe. Como um "hóspede especial", já que Ronaldo recomendou aos soldados que não o molestassem, Gandão pernoitou na cadeia.

APATIA

O desencanto de Ronaldo talvez se origine do confronto com outros grupos indígenas que ele conheceu e que tornam os guaranis de São Paulo comparativamente apáticos. "Os índios do Norte têm amor à terra e sentem necessidade de trabalhar", afirma ele, lembrando-se dos palicues, no Amapá, onde chefiava um posto da Funai, antes de vir para São Paulo. Os 600 índios dessa aldeia, conta Ronaldo, abastecem de farinha as cidades de Oiapoque e Clevelândia do Norte, bem como algumas do outro lado da fronteira com a Guiana francesa.

Além do nomadismo próprio do povo guarani, Ronaldo atribui o pouco empenho dos índios de Peruíbe à influência que receberam de "gente sem ambição", enquanto os palicues tiveram contato, há décadas, com franceses e portugueses entusiasmados com a agricultura. Os guaranis, porém, apontam causas mais próximas e evidentes para sua própria resistência à idéia de lavar a terra: dizem não ter comida para se manterem até a colheita, preferindo dedicar-se ao artesanato, que rende pouco mas não exige espera.

Surgiu daí a idéia do projeto agrícola. Se ele for aprovado, os índios contarão com uma cantina que lhes garantirá o alimento até que as roças comecem a produzir. O projeto exigirá um investimento de cerca de 350 mil cruzeiros, incluindo o fornecimento dos alimentos, sementes e ferramentas, a construção do barraco da cantina e de um armazém para depósito da futura produção (o excelente deverá ser comercializado) e a instalação de uma bomba d'água. Será solicitada também uma viatura, com verba para manutenção.

Por enquanto, a precariedade da situação também resulta da limitação dos recursos materiais. De três em três meses, o posto recebe da Funai uma verba de 1.300 cruzeiros, destinada à compra de material de consumo, para a escola e de material, e à execução de serviços, geralmente relacionados com a manutenção da sede. E isso é tudo. Havendo necessidade de se locomover às pressas, Ronaldo é obrigado a utilizar seu carro particular, um Fusca 74, sem que a Funai lhe reembolse nem o combustível. O ônibus mais próximo passa a 2,5 quilômetros do posto, cinco vezes por dia.

Além disso, embora haja um escritório da Funai em São Paulo e uma ajudância em Bauru, o posto de Peruíbe está ligado, na prática, à delegacia de Curitiba. Uma nebulosa divergência teria cercado a reativação do posto decidida diretamente pelo então presidente da Funai, general Bandeira de Melo, em 1973, ferindo suscetibilidades e originando, em certas alas, um espírito de oposição a Peruíbe, que não teve saída senão buscar o apoio paranaense.

Mas o projeto a ser examinado agora em Brasília é decisivo não só para a comunidade guarani de Peruíbe, e sim para um total de cerca de 300 índios, que vivem em condições ainda piores e cuja exata situação está sendo levantada pela antropóloga. A própria reação desses índios à idéia de um engajamento efetivo na lavoura é ainda uma incógnita. Mas, como diz Bernadette "se não se fizer nada desta vez, eles nunca mais acreditarão em ninguém".

João, eleitor e negociante, um guarani paulista

Um dia destes, o índio João Gomes, 40 ou 41 anos completados no último dia 22 de novembro, cinco filhos, eleitor, chegará à sua aldeia dirigindo um caminhão, ordenará a seus empregados que coloquem a carga no carroceria e em seguida tomará a direção de São Paulo, conduzindo ele próprio, pela primeira vez, a produção de alguns de seus 12 mil pés de banana, para comercialização no entreposto do Ceagesp.

Enquanto cultiva seu sonho, João exibe os sinais concretos do esforço que já lhe conferiu a fama do mais empreendedor dos índios de Peruíbe. João ainda não sabe dirigir, mas, na tentativa de aprender, comprou dois carros. Há três anos, foi um Aero Willis, ano 61, adquirido por 800 cruzeiros e que, ainda ostentando a chapa CM 0369, de São Paulo — embora tenha sido comprado em Santos, originariamente por um primo de João —, permanece abandonado ao sol e à chuva, agora sem chance de aproveitamento nem como ferro velho, "pois o transporte sairia mais caro", como lembra Ronaldo, o chefe do posto. Consta que o segundo carro, um Ford 29, que há 7 meses custou 3 mil cruzeiros a João, ainda anda.

Mas o dono, absorvido por numerosas atividades, deixou provisoriamente de lado o projeto de se habilitar como motorista. O artesanato, principal trabalho dos outros índios, jamais o atraiu "por falta de tempo". João passa o dia entre o bananal, a horta e as galinhas, ocupado com uma série de providências para as quais conta com a ajuda do branco Joel, a quem paga 40 cruzeiros por dia de trabalho e deixa morar num barraco nos fundos de sua gleba.

"Ele é um índio ambicioso, que vive lutando pelo progresso, chega a comprar livros para se instruir", informa o chefe do posto. Mas, quando se pergunta se João seria um exemplo para os demais, Ronaldo faz uma ressalva: "Tirando as loucuras". E, trocando sorrisos significativos com o enfermeiro Dalcly Cardoso da Silva, acrescenta: "As vezes a gente imagina o que seria isto se tivéssemos uns 20 iguais ao João".

LUCIDEZ

Mas o fato é que os possíveis efeitos negativos da teimosia de João, como no caso da compra dos automóveis, jamais recaíram senão sobre ele próprio. No diálogo com Ronaldo, João é capaz de defender até o fim um ponto de vista, mas jamais altera seu

tom respeitoso. Seus argumentos, com frequência, revelam muita lucidez.

"Não adianta", ele diz, "a Funai dar coisas aos índios, até mesmo dinheiro, porque o pessoal pode gastar à toa. O que precisamos é uma orientação sobre como plantar. O bom seria a gente ter aulas com um agrônomo mas, como isto deve ser caro, acho que a Funai poderia mandar um auxiliar de campo".

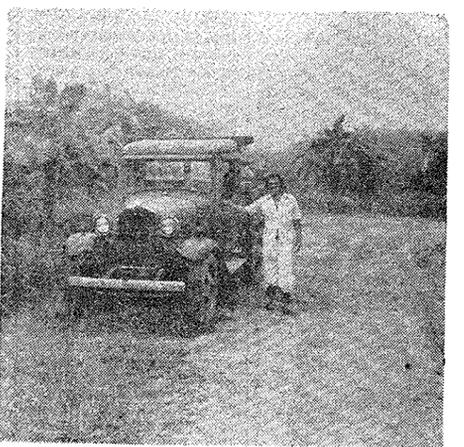
João é índio por ascendência direta apenas de mãe. Seu pai era um pernambucano que um dia se instalou entre os guaranis e que, segundo ele, ensinou a muita gente coisas como "em que época se deve plantar o arroz, e qual o tipo que dá no seco, no brejo, no morro ou na várzea".

Acompanhando a família, João viveu um total de 14 anos na cidade. Chegou a estudar até o terceiro ano primário no município de São Vicente e hoje exige que os filhos frequentem a escola do posto. "A criança não tem vontade própria, a gente precisa forçar", diz. "Existe até gente adulta que não tem vontade". A mulher, a quem conheceu em Vicente de Carvalho, na Baixada Santista, é branca, "mas descendente de índio".

As relações dos demais integrantes da comunidade guarani com João Gomes não são as mais cordiais, mas ao lado de sua alegação de que se trata de simples "inveja", existe a atenuante apresentada por Ronaldo, de que "aqui ninguém se dá bem com ninguém". Sugestões para resolver os problemas da aldeia não faltam na cabeça de João. Para eliminar o alcoolismo, por exemplo, ele propõe uma dura repressão, incluindo cadeia e pancada. Ele próprio bebe, mas com moderação.

João tem capacidade de entender a importância de um projeto como o que está sendo agora prometido. Em novembro do ano passado, quando Ronaldo, logo após assumir a chefia do posto, fez uma primeira tentativa com a agricultura, a maioria dos índios ingeriu as sementes, confiantes em que "passarinho também come e não morre". João deu às sementes o destino correto e até hoje come do que plantou.

Ele só é impotente para vencer a dependência do intermediário, que lhe compra a banana ao preço absurdo de 75 cruzeiros cada conjunto de 12 cachos. E por isso que João sonha tanto com uma carta de motorista e um caminhão.



João não dirige, mas já comprou dois carros



O dilema de Bernadette: dar comida ou deixar a tribo pedir esmolas